

PROJECTAR UMA SINGULARIDADE
ABRIGO PARA PESSOAS E BARCOS

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
INTEGRADO EM ARQUITECTURA

PROJECTAR UMA SINGULARIDADE ABRIGO PARA PESSOAS E BARCOS

MARTA PAULINO DE SALES LUÍS

ORIENTADORES:
FRANCISCO AIRES MATEUS
JOAQUIM MORENO

ABRIL 2015



Aos meus pais pela sua disponibilidade e ajuda ao longo do curso. Ao João pelo apoio e paciência. Aos professores pelo acompanhamento e aprendizagem na disciplina de projecto.
Aos orientadores de tese, professor Francisco Aires Mateus e Joaquim Moreno.
E a todos os meus amigos e colegas por estes cinco anos.



0.Fotografia. Enquadrar. Ilha das Berlengas

RESUMO

Há tanto céu por descobrir.

Há imensos logradouros em Lisboa como o de Santa Isabel em Campo de Ourique. Há tantas outras praias e rochas naquela frente de mar em Leça da Palmeira. Muitas são as encostas de vales que podem ser ligadas como o do Vale da Carpinteira na Covilhã. E há tantas baías nas berlengas como a de Flandres.

O que têm em comum estes espaços?
O que os destaca dos outros lugares?
O que os torna singulares?

O trabalho procura compreender a definição de vazio, limite e lugar. Através de uma análise de casos práticos distintos no mundo da arquitectura, podemos identificar que este é o principal factor transformador de uma paisagem e é capaz de dar uma nova identidade ao lugar no sentido em que este passa a ter uma condição que o torna singular.

A proposta de trabalho consiste num abrigo para pessoas e barcos na Ilha das Berlengas. Após uma análise à ilha e à costa marítima pretende-se ocupar umas das enseadas da ilha e trabalhar sobre o território marítimo. Compreender como se projecta um edifício sobre a água e que novos limites e novos espaços se podem gerar neste território. Perante as muitas enseadas, caracterizadoras da ilha das Berlengas, define-se que o abrigo ocupe apenas o espaço de água da Baía de Flandres, não tendo qualquer ligação física com a terra. No entanto, é importante manter sempre presente a terra como delimitador de um espaço. Perceber de que forma este território marítimo, ao ser intervencionado e habitado, passa a ter uma condição, através do seu enquadramento, ganhando singularidade.

palavras-chave: vazio, limite, lugar, singularidade

There is so much sky to uncover.

There are plenty of public parks in Lisbon as Santa Isabel in Campo de Ourique. There are so many other beaches and rocks in front of sea in Leça da Palmeira. Many are the slopes of valleys that can be linked as the Valley of Carpinteira in Covilhã. And there are so many bays in the Berlengas like the Baía de Flandres.

*What do these spaces have in common?
What highlights them from other spaces?
What makes them unique?*

This research seeks to understand definition of void, limit and place. Through an analysis of various case studies in the world of architecture, we can identify that this is the main factor in transforming a landscape and is able to give a new identity to the place in the sense that shall be a condition that makes it unique.

The proposed work consists of a shelter for people and boats in Berlengas Island. After analyzing the island and the coast line it is intended to occupy one of the bays of the island and work on maritime territory. Understanding how a building is projected on the water and what new limits and new spaces can be generated in this territory. Given the many coves, characterizing the Berlengas Island, we define that the shelter occupies only the space of water from Flandres bay, having no physical connection with the land. However, it is always important to keep land as a space delimeter. Understanding how this maritime territory, to be operated upon and inhabited, gains a condition inside its framework, which gives its uniqueness.

Keywords: void, limit, place, uniqueness

ÍNDICE

I PROJECTAR UMA SINGULARIDADE

PROJECTAR UMA SINGULARIDADE	15
Vazio, limite, lugar	
SKY PESHER, SKYSPACE OF COLLECTION	23
WALKER ART CENTER, JAMES TURRELL, 2005	
Enquadrar o infinito	
DUAS CASAS EM SANTA ISABEL	27
LISBOA , RICARDO BAK GORDON, 2003-10	
Limite dentro de um limite	
PISCINA DAS MARÉS	33
LEÇA DA PALMEIRA, ÁLVARO SIZA VIEIRA, 1961-66	
Transição da terra para o mar	
PONTE PEDONAL NO VALE DA CARPINTEIRA	39
COVILHÃ, JOÃO CARRILHO DA GRAÇA, 2003-09	
A paisagem de uma nova perspectiva	
CONCLUSÃO	45
II ABRIGO PARA PESSOAS E BARCOS	
MAR, vazio	51
Baía de Flandres	
ABRIGO, limite	55
Quatros Espaços de Água	
PAISAGEM, lugar	69
Singularidade	

ÍNDICE DE IMAGENS

- | | |
|---|---|
| 0. Imagem autor. Ilha das Berlengas. 2014. p.06 | 14. Desenho esquemático. p.52 |
| 1. Paul Warchol. Sky Peshier. 2005. Disponível em http://jamesturrell.com/artwork/skypesher/ p.22-23 | 15. Imagem autor. Forte de S. João Baptista. 2014. p.54 |
| 2. Gene Pittman. Sky Peshier, 2008. Disponível em http://blogs.walkerart.org/ p.24 | 16. Desenho esquemático. p.56 |
| 3. Fernando Guerra. Casas de Santa Isabel. Disponível em NEVES, José Manuel das. <i>Bak Gordon: Lagar Oliveira da Serra e Duas Casas em Santa Isabel</i> . Uzina Books, 2011, p. 10-11. ISBN 9789898456083. p.26-27 | 17. Desenho esquemático. p.60 |
| 4. Ricardo Bak Gordon. Desenho. ano?; http://www.archdaily.com/142378/santa-isabel-house-ricardo-bak-gordon/ p.28 | 18. Planta de Localização 1:50000. p.62-63 |
| 5. Fernando Guerra. Casas de Santa Isabel. Disponível em NEVES, José Manuel das. <i>Bak Gordon: Lagar Oliveira da Serra e Duas Casas em Santa Isabel</i> . Uzina Books, 2011, p. 10-11. ISBN 9789898456083. p.30 | 19. Planta de Implantação 1:5000. p.65 |
| 6. Imagem Autor. Piscinas em Leça da Palmeira. 2014. p.32-33 | 20. Planta esquema relação com o Forte 1:1000. p.66 |
| 7. Álvaro Siza. Desenho. Disponível em http://www.rupturasilenciosa.com/Piscinas-das-Mares p.34 | 21. Planta projecto 1:500. p.69 |
| 8. João Morgado. Piscinas em Leça da Palmeira. 2004. Disponível em http://www.joaomorgado.com/ p.36 | 22. Planta projecto 1:200. p.71 |
| 9. Fernando Guerra. Ponte Pedonal da Covilhã. 2010. Disponível em http://ultimasreportagens.com/ p.37-38 | 23. Corte longitudinal 1:200. p.72-73 |
| 10. Fernando Guerra. Ponte Pedonal da Covilhã. 2010. Disponível em BÁRTOLO, José. <i>João Carrilho da Graça</i> . Coleção Arquitectos Portugueses, série2. 2013. ISBN 9789898657442. p.40 | 24. Corte transversal 1:200. p.75 |
| 11. Fernando Guerra. Ponte Pedonal da Covilhã. 2010. Disponível em http://ultimasreportagens.com/ p.42 | 25. Corte transversal 1:200. p.77 |
| 12. Imagem autor. Fotografia. 2014. p.48-49 | 26. Corte transversal 1:200. p.78-79 |
| 13. Imagem autor. Fotografia. 2014. p.50 | 27. Alçado Nordeste 1:200. p.80-81 |
| | 28. Planta Pormenor 1:20. p.83 |
| | 29. Corte Pormenor 1:20. p.85 |
| | 30. Corte Construtivo 1:5. p.87 |
| | 31. Imagem espaço interior. p.89 |
| | 32. Imagem espaço de água interior. p.91 |
| | 33. Imagem espaço exterior. p.93 |
| | 34. Imagem edifício. p.95 |
| | 35. Imagem maquete. p.97 |

I | PROJECTAR UMA SINGULARIDADE

VAZIO. adj. Que não contém nada que os sentidos possam apreender. Que não é ocupado por matéria. Espaço vazio onde não existe nada apreensível pelos sentidos. (Do lat. Vacius, de vacãra, “estar vago”) ¹

PROJECTAR UMA SINGULARIDADE

VAZIO

Quando se pensa em vazio pensa-se num espaço que não contém nada. Mas o vazio não é o nada, apenas uma aparente ausência de alguma coisa. E é uma ausência de sentido e de função. O vazio, que é ignorado pela sociedade e aparentemente inútil, pode ser muitas vezes desejado do ponto de vista urbanístico.

A definição de vazio remete para um espaço ambíguo. Os vazios são por regra espaços invisíveis, espaços esquecidos e espaços ignorados. Mas pensar o vazio pode surgir como uma oportunidade de explorar as potencialidades espaciais. O vazio torna-se gerador de um espaço arquitectónico, com objectivo de projectar sobre esse mesmo vazio, recuperando as suas falhas, de forma a devolver vida ao espaço. A arquitectura ao ocupar um vazio, requalifica a paisagem e sugere novas experiências espaciais e visuais.

As cidades são feitas pela conjugação de vazios e cheios que as compõem. Embora nestes vazios, seja possível identificar particularidades que os diferenciam, a percepção é que estas diferenças são irrelevantes e inúteis. A análise de um vazio, a sua ocupação e a sua identificação enquanto espaço potencial através da arquitectura, pode vir a torná-lo funcional e útil, dando-lhe singularidade e carácter.

O arquitecto Solà-Morales apresenta o conceito de *Terrain Vague* para caracterizar os vazios que apresentam ausência, e que são, aparentemente, considerados espaços inúteis, e defende-os como espaços de grande potencialidade para a conversão num lugar singular, pertencente à malha urbana.

*“A relação entre a ausência de uso, de actividade e o sentido de liberdade, de expectativa, é fundamental para entender toda a potência evocativa que os terrain vague das cidades tem na percepção da mesma nos últimos anos. Vazio, portanto, como ausência, mas também como promessa, como encontro, como espaço possível, expectativa.”*²

A arquitectura, relacionando-se com o vazio, surge com a necessidade de dar uma condição ao espaço. Através da sua vivência, torná-lo útil e funcional, único e singular. A intervenção da arquitectura num vazio urbano passa por identificar os seus limites, criar novos limites e novos espaços, enquadrando-os no espaço envolvente. Através de limites, o espaço contém novos espaços que possibilitam novas experiências humanas que antes não existiam.

1. Academia das Ciências de Lisboa, Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea, 2001, p. 3711.

2. SOLÀ-MORALES, Ignasi. *Terrain Vague*, in Anyplace, Cambrige, 1995

“La relación entre la ausencia de uso, de activida y el sentido de libertad, de expectativa es fundamental para entender toda la potencia evocativa que los terrain vague de las ciudades tienen en la percepcion de la misma en los últimos años. Vacío, por tanto, como ausencia, pero también como promesa, como encuentro, como espácio de lo posible, expectación.”

LIMITE, m. Linha que extrema terrenos próximos ou contíguos. Marco. Fronteira. Extremo; termo; confins, meta.
(Do lat. Limes, limitis) ³

PROJECTAR UMA SINGULARIDADE

LIMITE

O limite permite a identificação compreensiva entre universos espaciais diferenciados e serve por sua vez de código de articulação, de linha de transição espacial ou de uma barreira física. O limite separa a extensão espacial, exterior e infinita, do espaço interior finito. Define um espaço natural através de um artificial criando novos espaços. Existe sempre uma linha que separa um momento do outro, seja essa linha regular ou orgânica. Essa linha é uma fronteira.

A arquitectura tornou-se no principal elemento delimitador do espaço. Quer por meio de estruturas em terra, quer no mar. A manipulação do espaço intersticial entre os elementos permitiu a criação de um novo território através de uma construção artificial. O território deve ser limitado por uma arquitectura que os valorize, uma construção que possa usufruir das qualidades de cada espaço. Para aprofundar o tema de limite no mundo arquitetónico e de que forma condiciona um espaço, é fundamental entender o que é um limite natural e de que forma se relaciona com um artificial.

O limite natural é aquele que não apresenta vestígios humanos, que apenas foi modificado pelas forças da natureza e que é dado pelas suas características

geográficas, sejam os rios, as montanhas, ou as marés. A primeira ideia que nos vem à cabeça quando pensamos em limite natural são os três principais elementos que formam o mundo: céu, a terra e a água.

O céu, a terra e a água convivem lado a lado, estando cada um confinado à sua área. São elementos que marcam uma fronteira, uma linha que assinala o fim de um elemento para dar lugar a outro. O horizonte é um limite abstracto e indefinido entre o céu e a terra que é permanente e inalterável. A linha da costa é o limite entre a terra e água, que consiste no momento em que a terra acaba e dá lugar à água. No entanto, esta barreira não é constante e altera-se com o movimento dos elementos e a erosão que um procura no outro, sendo difícil definir um ponto limite entre estes dois elementos.

A linha de costa é muitas vezes ultrapassada pelos avanços da água sobre a terra, ameaçando o solo terrestre e a sua forma, ou transmitindo-lhe vida. Foi na água que se geraram as primeiras formas de vida e é o trabalho conjunto entre estes elementos que mantém o equilíbrio. Ambos influenciam e moldam-se mutuamente, não permitindo uma demarcação exacta do território que pertence a cada um.

“ O espaço é por natureza ilimitado, invisível e intangível.”⁴

O limite artificial é tudo aquilo que é construído e propositado. Toda a arquitectura é um limite. Desde o primeiro sinal da sua existência, a arquitectura esteve sempre sujeita a relações com as quais teve de lidar, quer pela sua própria natureza, quer por aspectos impostas pelo meio pré-existente. Tem a capacidade de definir espaços, de separar o meio construído do não construído. O homem ao construir, cria fronteiras, delimitando o início e o fim de uma construção. A arquitectura delimita, modela e dá forma ao espaço, adequando-o objectivamente aos propósitos a que se destina de modo a tornar-se habitável ao homem. Delimita espaços criando um diálogo entre o interior e o exterior, o construído e o não construído, entre o natural e o artificial.

Para além de um limite físico, podemos também falar da existência de um território indefinido de fronteira. Um campo gravítico, uma força natural que atinge o limite físico da arquitectura e se expande por uma área ajudando a transformação de um limite variável.

As mudanças e mutações que actuam entre o objecto arquitectónico e o espaço envolvente vão além do limite físico e material. Limite mutável é aquele que é inconstante, incerto e mudável. É um espaço em constante transformação. Como exemplo de um limite mutável é a variação das marés junto a um plano inclinado, uma rampa, com diferentes cotas, obtendo linhas variáveis de limite.

O território marítimo ou terrestre pode ser intervencionado por um elemento arquitectónico que crie um novo espaço singular, um lugar.

LUGAR. s.m. Espaço ocupado por um corpo. Espaço em que está alguém ou alguma coisa. Espaço, independentemente do que pode conter. (Do lat. localis´ de lugar) ⁵

PROJECTAR UMA SINGULARIDADE

LUGAR

O conceito de lugar é de um espaço ocupado ou que pode ser ocupado por algo. Lugar inicia-se na identificação de um vazio, na sua ocupação através de um objecto arquitectónico, que lhe dá uma condição singular e que lhe permite ser habitada.

Os espaços que se tornam lugares apresentam uma identidade própria e ao mesmo tempo particularidades muito características que os convertem em espaços únicos. Deixa de ser um vazio sem utilidade e transforma-se num lugar.

*“Será que o território também é importante se for um deserto, se for uma ilha? Para mim é sempre importantíssimo. Mesmo que seja um deserto, há pontos de tensão e de caminho, de atravessamento. O que ser for construir deve estar em sintonia com o que já existe.”*⁶

A arquitectura tem a função de construir lugares para serem habitados e que a identificação de carácter esteja presente nos novos espaços projectados. É portanto um equívoco chamar a um espaço vazio de lugar sem uma construção que o destaque. O projecto arquitectónico configura o pensamento e define as

estratégias que revelam as qualidades que não eram visíveis anteriormente. O espaço transforma-se em lugar.

*“Eu queria demonstrar que a noção de lugar é algo muito mais extensa; relaciona-se com os assentamentos humanos e com a geografia humana; queria preservar o que é um lugar e a sua riqueza para além do projecto arquitectónico que é algo mais controlável. A noção de lugar está mais relacionada com a vida.”*⁷

A construção do lugar inicia-se com a procura de um vazio, que aparentemente é inútil mas que depois de analisado e interpretado apresenta sinais de potencialidade. Um elemento arquitectónico ocupa este vazio, delimita espaços, condiciona vivências e enquadra paisagens, permitindo a ocorrência de novas experiências.

Este raciocínio será expresso através de uma análise de casos práticos, obras distintas na arquitectura: uma skyspace do artista James Turrell, as Casas de Santa Isabel, de Ricardo Bak Gordon, as piscinas em Leça da Palmeira, de Siza Vieira, e por fim a Ponte pedonal do Vale da Carpinteira, de João Carrilho da Graça.

5. FIGUEREDO, Cândido de. Grande Dicionário de Língua Portuguesa, 1991, p.258.

6. CARRILHO DA GRAÇA, João, Entrevista de Anabela Mota Ribeiro a João Carrilho da Graça sobre a Exposição Paisagem, 2009

7. MAURICI PLA, entrevista de Inês Moreira dos Santos e Rui Barreiros Duarte a Maurici Pla, Arquitectura e Vida, nº48, O lugar do Lugar: entrevista a Maurici Pla, 1948, p.38-43



1.Fotografia. Enquadrar o céu. Skyspace.



JAMES TURRELL
SKY PESHER, SKYSPACE OF COLLECTION WALKER ART CENTER

MINEAPOLIS, USA
2005



2.Fotografia. Interior da Skyspace. James Turrell.

*"Pensamos em cor como uma coisa que recebemos. E se entrar dentro de um skyspace, pode ver que é possível mudar a cor do céu. Agora, obviamente eu não mudo a cor do céu, mas mudo o contexto de olhar o céu."*⁸

SKY PESHER, SKYSPACE

ENQUADRAR O INFINITO

“Faço espaços que captam a luz através da nossa percepção,(...) o meu trabalho é mais sobre o vosso ver, do que o meu, embora seja um produto do meu ver.”⁹

James Turrel é um artista americano que trabalha com a luz e o espaço para criar obras de arte que envolvem os observadores com os limites da percepção humana. Turrel sempre viajou muito de avião e considerou o céu o seu espaço e material de trabalho. O artista começa a sua carreira nos anos 60, na Califórnia e ao longo das décadas o seu trabalho é reconhecido por todo o mundo. As suas obras, por vezes em grande escala, incorporam uma forte interação entre o céu, luz e a atmosfera, em movimento através do enquadramento de grandes extensões como o oceano, deserto e cidade.

Turrel tem sempre como referência a *Alegoria da Caverna*¹⁰ de Platão para introduzir a noção de que se vive numa realidade da própria criação que está sempre sujeita a limitações humanas e percepções através dos sentidos. Sky Peshier uma das skyspace do artista, encontra-se no jardim do museu Walker Art Center em Mineapolis nos Estados Unidos da América. O projecto Skypeshier consiste numa camara semi enterrada num plano inclinado no jardim do museu de arte. O acesso é feito por um caminho traçado que encaminha para uma sala de planta quadrangular, com

paredes brancas inclinadas. A sala contém apenas um banco corrido em três planos da sala e uma abertura zenital. A abertura, um rectângulo de 16m2, enquadra uma secção do céu. Os visitantes sentados inclinam-se contra as paredes para contemplar a abertura que limita o espaço infinito, o céu. O artista intitula a obra de Peshier, que significa interpretação em hebraico, como uma metáfora para a introspecção e meditação.

Para além do seu enquadramento, a luz também é um factor muito importante nesta obra. O artista ajusta a luz natural com a artificial da sala através de sensores que criam um efeito óptico na sala semelhante à luz exterior do céu. Após este efeito de que a luz exterior e interior se fundem, dá-se uma ilusão de que o espaço arquitetónico desaparece, uma vez que se torna igual com a luz e a cor, parecendo que o céu está mais perto dos observadores, um efeito que James Turrel se refere como *trazer o céu para baixo*.¹¹

As skyspaces, espaços abertos na cobertura, oferecem uma visão do céu sempre em mutação. O simples acto de olhar o céu no interior de uma skyspace, pode revelar uma nova realidade. Aqui o céu, um espaço imenso quase que infinito, é enquadrado e passa a ter outro sentido quando é limitado. O céu que é delimitado é diferente, e ganha importância e destaque perante o restante espaço imenso.

8.TURRELL, James, 2001

"We think of colour as a thing we're receiving. And if you go into one of the Skyspaces, you can see that it's possible to change the colour of the sky. Now, I obviously don't change the colour of the sky, but I changed the context of vision."

9. *Idem*, 2001

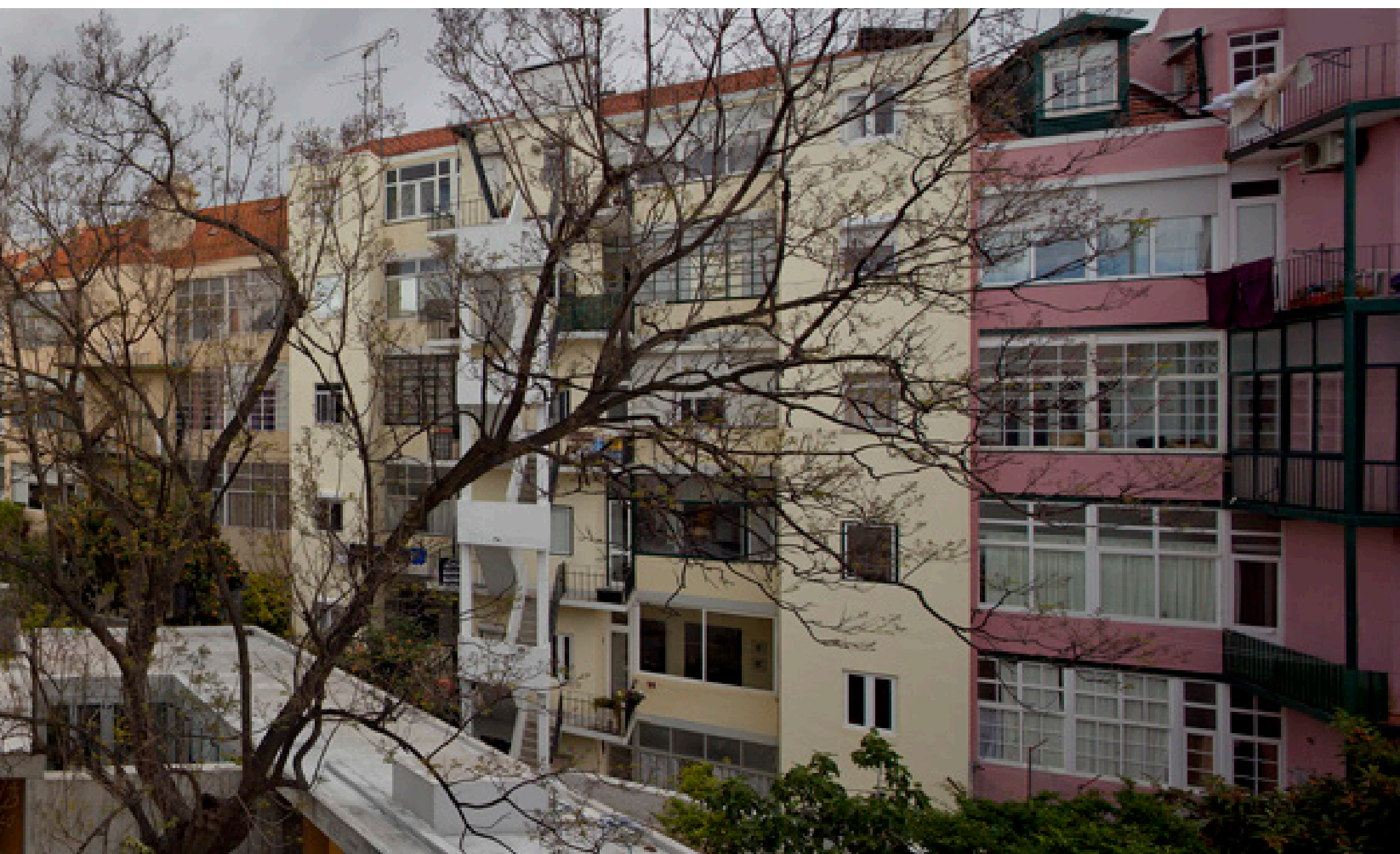
"I make spaces that apprehend light for our perception,(...) my work is more about your seeing than it is about my seeing, although it is a product of my seeing."

10. A *Alegoria da Caverna* é uma parte do livro *A República* do filósofo grego Platão e é umas das obras mais importantes do mundo da Filosofia. A alegoria da Caverna é uma metáfora sobre a percepção humana que explica que através do conhecimento, o ser humano pode captar a existência do mundo sensível através dos sentidos e do mundo perceptível através da razão.

11. TURREL, James, 2005

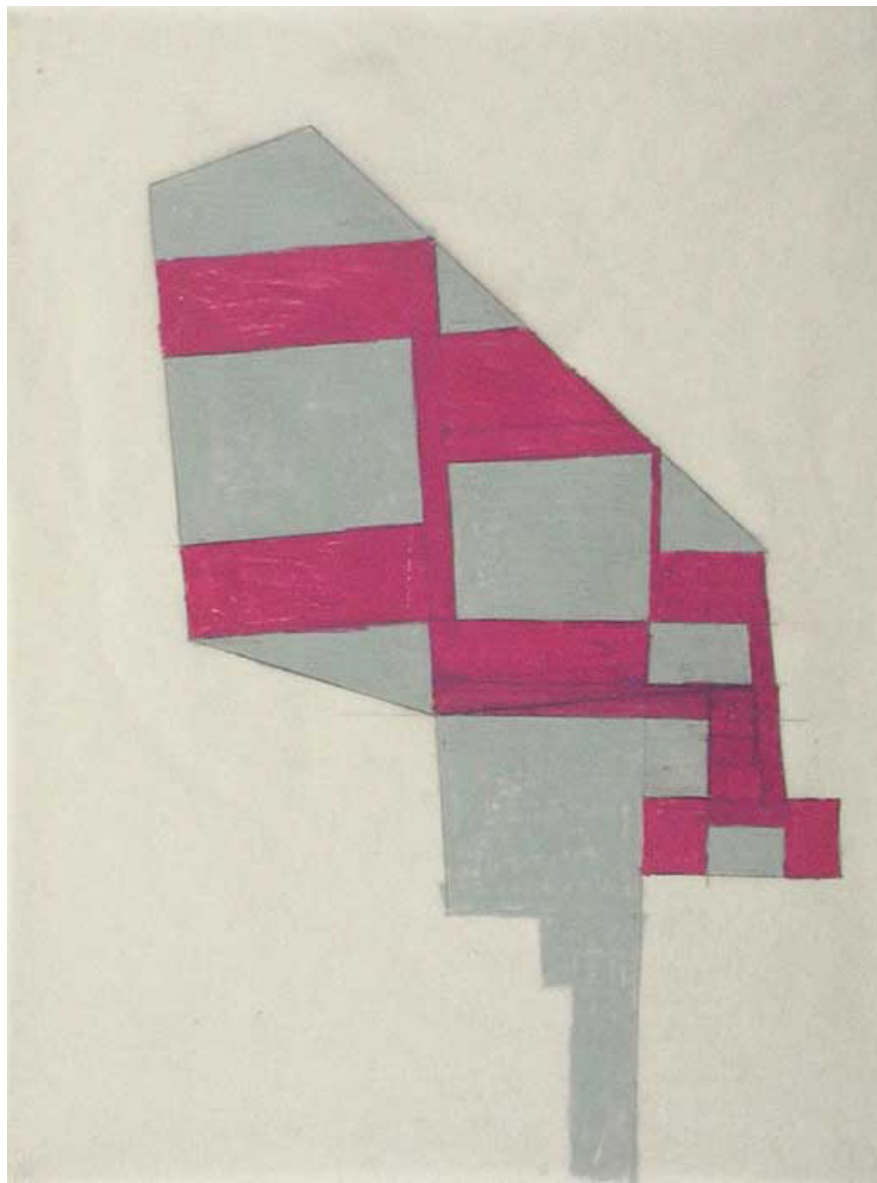


3. Fotografia. O único alçado da casa. Casas de Santa Isabel.



RICARDO BAK GORDON
DUAS CASAS EM SANTA ISABEL

LISBOA, PORTUGAL
2003-10



4.Desenho. Conceito do projecto. Ricardo Bak Gordon

DUAS CASAS EM SANTA ISABEL

LIMITE DENTRO DE UM LIMITE

Duas casas instalaram-se no interior de um quarteirão inútil na freguesia de Santa Isabel em Lisboa.

No interior do bairro de Campo de Ourique, os edifícios dos anos 40 e 50 articulam-se em quarteirões que deixam espaços vazios no seu interior. Estes espaços interiores da cidade, apresentando a mesma característica de logradouros, podem ser mais ou menos envelhecidos, mais fechados ou abertos ao céu, com uma geometria mais ou menos regular mas apresentam a mesma característica, espaços fechados com difícil acesso.

As Duas Casas em Santa Isabel são um projecto do arquitecto Ricardo Bak Gordon, que teve “*o desejo de se referir à cidade que existe dentro da cidade*”.¹² O projecto são duas casas construídas no interior de um quarteirão em Santa Isabel, em Lisboa, um lote com cerca de 1000m². São duas casas, uma maior destinada à habitação e outra mais pequena para arrendamento. Podem ser consideradas como um conjunto de “*casas pátio*” em que a sua configuração consiste numa casa em torno de um espaço central comum, em que toda a parte interna da casa mais privada está virada para esse pátio, tornando-se invisível para o exterior da cidade.

O habitar é moldado no intercalar dos espaços interiores e exteriores, que se posicionam consoante a tipologia programática dos espaços, que apresentam ser muito regulares. A sua forma recorre a uma geometrização ortogonal com excepção nos extremos que absorve a irregularidade dos muros já existentes no terreno. Os pátios com diferentes funções e com carácter distinto acabam por estar relacionados com o uso que cada espaço interior possibilita, sendo uns mais contemplativos e outros de maior utilização, como exemplo o pátio com a piscina.

As aberturas para o exterior e interior permitem o contacto visual e físico entre os espaços delimitados. Aqui assiste-se a uma continuidade do interior da casa para o exterior e vice-versa, através da materialidade dos espaços. Construída em placas de betão com uma cofragem de madeira à vista, tanto nos muros exteriores, como nas paredes e tectos interiores de modo a olhar para os pátios “*como salas exteriores*”¹³. Apesar do betão ser o material protagonista do projecto, e estar muito presente nos interiores, é introduzido o gesso cartonado pintado para contrastar com o betão e trazer uma certa suavidade aos espaços mais íntimos. As casas são horizontais para contrastar com a verticalidade nas fachadas das traseiras dos edifícios envolventes.

12. GORDON, Ricardo Bak. 2011, p.4

13. GORDON, Ricardo Bak. 2010, p.56-68



5.Fotografia. Pátio. Casas de Santa Isabel

O arquitecto Ricardo Bak Gordon concebeu, para um espaço fechado ao exterior da cidade mas consideravelmente público, uma casa privada para uma família. Ocupou um dos muitos logradouros na cidade e construiu uma casa de limites dentro de um espaço limitado, que definem uma narrativa e que por sua vez criam um lugar.

O acesso às casas é feito por um dos edifícios que constituem o quarteirão que encerra e define a forma do logradouro. Este espaço, que já é delimitado pelas traseiras dos edifícios que formam o quarteirão, é projectado com novos limites criando novos espaços.

O edifício surge em função do desenho dos vazios. O arquitecto sublinha que “*do lugar destacava-se o protagonismo do espaço vazio face ao construído*”¹⁴. O edifício é o limite que delimita os espaços exteriores.

Duas casas em Santa Isabel é um projecto distinto e notável na arquitectura. Um vazio sem identidade, espaço finito, limitado pelas traseiras de um quarteirão, que recebe uma condição, que gera um lugar, uma identidade que o difere dos outros logradouros, vazios na cidade.



6.Fotografia. Piscina das Marés. Leça de Paleira



ÁLVARO SIZA VIEIRA
PISCINA DAS MARÉS

LEÇA DA PALMEIRA, PORTUGAL
1961-66



7.Desenho. Piscina das Marés. Álvaro Siza

PISCINA DAS MARÉS

TRANSIÇÃO DA TERRA PARA O MAR

Nos anos 60, o arquitecto Siza Vieira construiu as piscinas em Leça da Palmeira, na costa atlântica de Matosinhos, em que a relação da arquitectura com a natureza é dos temas principais na base do projecto. Ao longo de uma costa quase que infinita, foi escolhido um local para construir uma piscina onde os rochedos formavam um pequeno lago. O projecto pretendia otimizar as condições criadas pela natureza, pois a natureza já criava ali o desenho de uma piscina. O objectivo consistia em delinear, naquela paisagem orgânica, uma geometria através da presença da arquitectura na natureza. *“Arquitectura é geometrizar.”*¹⁵

*“Nestes primeiros trabalhos foi germinado a sensação irreprimível e determinante de que a arquitectura não termina em ponto algum, vai do objecto ao espaço e, por consequência, à relação entre espaços, até ao encontro com a natureza”.*¹⁶

As piscinas das Marés encontram-se a uma cota inferior à da avenida, adossadas à costa marítima, estando impercetível para quem esta na cota da avenida de modo a não interferir na paisagem. É constituída por um edifício de apoio e duas piscinas, uma para adultos e outra para crianças. A sua articulação com a topografia é bem presente nesta obra. A piscina para adultos apresenta na sua forma uma geometrização ortogonal demarcada de modo a

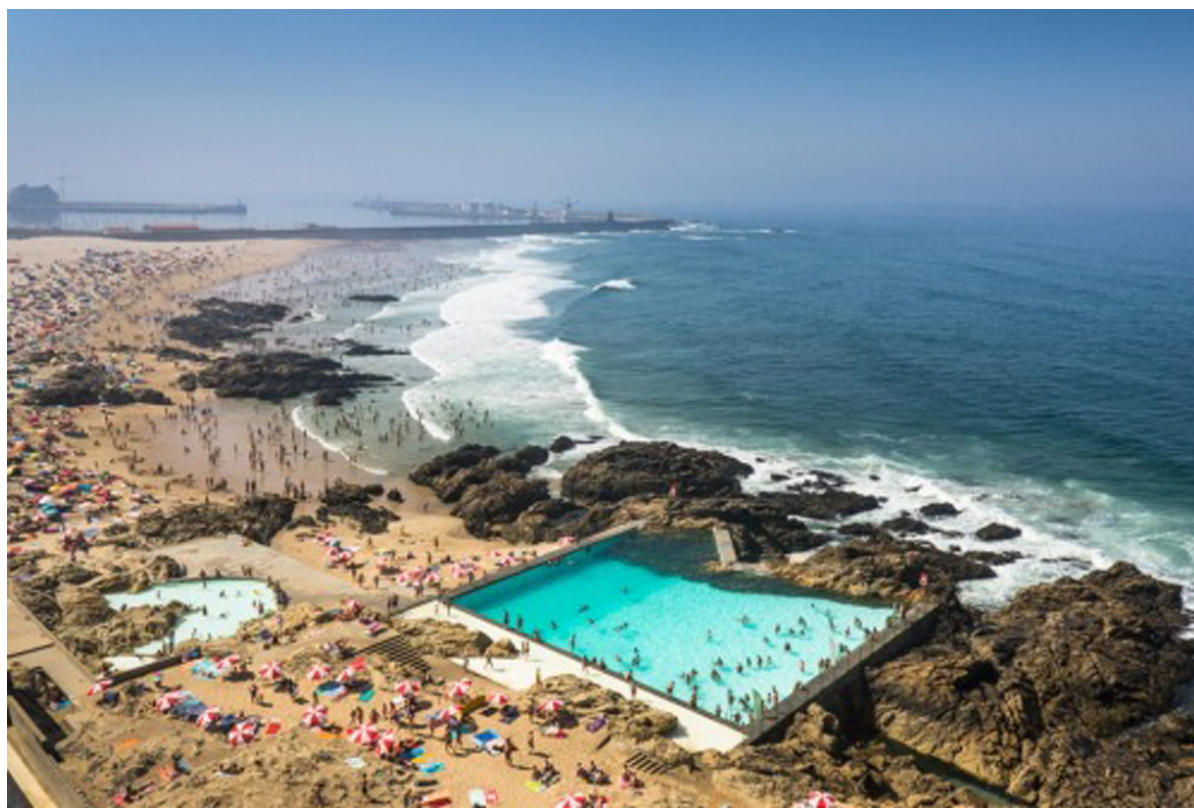
contrastar claramente com a forma natural das rochas. A piscina para crianças já foi desenhada com curvas elegantes sugeridas pela natureza. O acesso é feito através de uma rampa. Contém cabines de vestiário, balneários, instalações sanitárias, salas técnicas e um pátio de acesso à zona de banhos, estando todo o programa contido neste edifício, espécie de muro ao longo da marginal que delimita a praia, as rochas e o oceano. Ao descer a rampa para aceder ao edifício, vai-se perdendo lentamente de vista a paisagem que forma aquele espaço. Já dentro do edifício podemos encontrar corredores sombrios e com apenas uma luz ténue nos balneários. Mas logo após este espaço, já em direcção às piscinas, começamos a ver a luz do dia e a pouco e pouco, à medida que avançamos, os nossos horizontes alargam-se e somos surpreendidos pela paisagem natural.

*“(...) a piscina de Leça da Palmeira subdivide-se em cinco elementos em estreita correlação, segundo uma sequência que se desenvolve da terra até ao oceano. À avenida costeira de traçado linear seguem-se os vestiários de cimento com configuração igualmente linear, em seguida, a série de penedos emergentes, depois a piscina incisa e encastrada, modelada segundo uma forma orgânica para crianças e, em boa parte rectilínea para adultos, e, por fim, o vaivém incessante do mar.”*¹⁷

15. SIZA VIEIRA, Álvaro. 2012, p.27.

16. *Ibidem*, p.31.

17. FRAMPTON, Kenneth. 1989, p.177.



8.Fotografia. Piscina das Marés. Concurso de Fotografia na categoria *Sentido do Lugar*. Leça da Palmeira.

“(…) uma suave abertura tridimensional que organiza a passagem da terra para o mar.”¹⁸

Em todos os projectos de Siza Vieira é desenvolvido um intenso diálogo entre o arquitecto, o lugar e os seus utilizadores. As piscinas de Leça baseiam-se na capacidade de ajustar o objecto arquitectónico com as linhas que formam a paisagem envolvente. A forma, a escolha de técnicas construtivas e os materiais utilizados são resultado de uma acção transformadora entre o local e o projecto, e permitem uma separação entre o novo e o pré-existente, sendo que ambos ganham força pela presença do outro.

Nesta obra podemos ainda verificar alterações e mutações que atuam entre o objecto arquitectónico

e o espaço envolvente. Estas modificações são provocadas pela variação das marés que traçam uma linha indefinida, um limite mutável.

As formas geométricas articuladas e integradas com as rochas revelam uma linguagem que dá identidade ao lugar. Não é um objecto isolado na paisagem mas sim várias estruturas integradas na topografia e relacionadas com o local, que fazem a transição da avenida costeira para as rochas e destas para o mar.



9.Fotografia. Caminhar no ar. Ponte Pedonal



JOÃO CARRILHO DA GRAÇA
PONTE PEDONAL DO VALE DA CARPINTEIRA

COVILHÃ, PORTUGAL
2003-09



10.Fotografia. Ponte do Vale da Carpinteira. Covilhã.

PONTE PEDONAL

A PAISAGEM DE UMA NOVA PERSPECTIVA

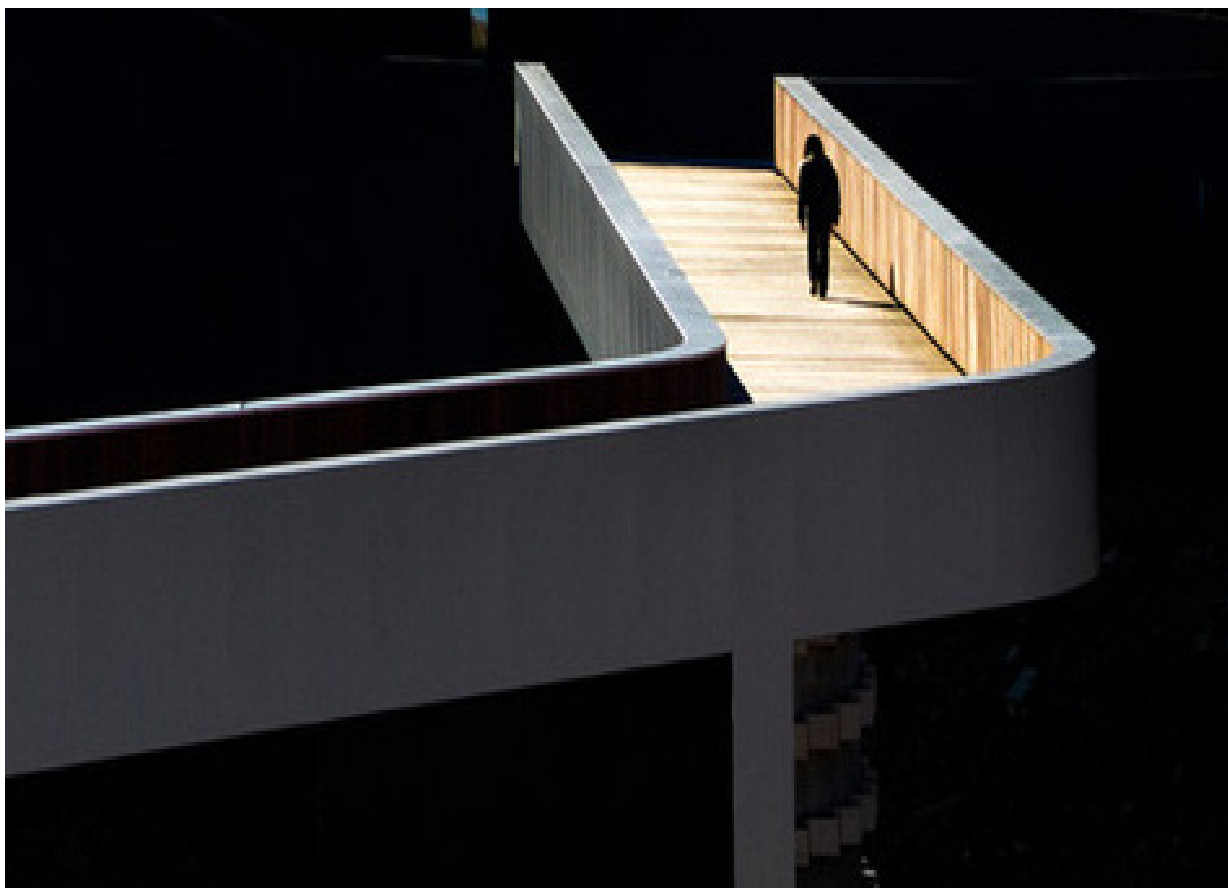
A ponte da Covilhã foi projectada num vale, um espaço vazio abandonado entre duas encostas, entre dois limites.

O vale da Carpinteira localiza-se na cidade da Covilhã, dividindo a grandiosa Serra da Estrela, a Oeste, da Cova da Beira que se estende a Este. É caracterizado por encostas de acentuada inclinação e por uma vegetação densa que esconde as antigas construções industriais abandonadas da cidade. A inclinação acentuada das encostas, a sua altura e a distância entre elas foram os principais factores condicionantes no projecto da Ponte pedonal.

A ponte pedonal sobre o Vale da Carpinteira, foi projectada pelo arquitecto João Carrilho da Graça e ergue-se como um objecto elegante na paisagem, constituindo a melhor alternativa de atravessamento do vale. Uma ponte com 52 m de altura e com 4,40m de largura, que liga o Bairro dos Penedos Altos ao centro da cidade, reduz o anterior o percurso que obrigava a contornar as encostas do Vale da Carpinteira.

“Como o vale é extremamente coleante, a estrutura desenha-se, no ar, com uma forma curvilínea”.¹⁹

A ponte desenha uma linha que *dobra* três vezes, unindo as encostas do vale. O fragmento central é desenhado perpendicularmente ao eixo do vale e as outras duas secções são curvadas e orientadas para os seus pontos de ancoragem. Suporta duas vigas paralelas de aço que delimita o tabuleiro que assenta em quatro pilares. Os dois pilares centrais cravados junto à ribeira são revestidos em aço e apresentam as mesmas dimensões da parte exterior do tabuleiro. Os pilares dos extremos, assentes nas encostas, são de planta circular e em betão, revestidos por blocos de granito, apresentando-se desvinculados da estrutura metálica do tabuleiro. Para contrastar com a armadura metálica exterior da ponte o seu interior é revestido a madeira proporcionando diferentes perspectivas visuais: de dia, desde o olhar atento sobre o percurso, o aproximar da encosta, até a uma paisagem que antes era impossível de contemplar, a paisagem sobre o vale. À noite, esta paisagem escura e pouco perceptível, já sem horizonte, é apenas iluminada pelas luzes próximas das encostas. A ponte emana luz no seu interior de forma a iluminar o percurso, concentrando o olhar sobre a ponte.



11.Fotografia. Atravessamento e contemplação. Ponte Pedonal

Esta obra provoca na paisagem um novo enquadramento e proporciona novas relações físicas e visuais com o lugar. A construção da ponte criou um novo espaço com uma altura significativa, permitindo estar no meio do vale ao nível das aldeias periféricas. A ponte da Covilhã permite uma nova identidade ao lugar através do enquadramento e da possibilidade de nova visão de um território.

A obra proporciona no seu atravessamento uma experiência visual que remete o olhar para a crescente

proximidade das encostas e para uma paisagem que antes era impossível presenciar. A ponte da Carpinteira desenha um pórtico sobre a ribeira e a paisagem, possibilitando novas relações físicas e visuais. Com a construção da ponte é visível o reconhecimento de um novo território através de um elemento que proporciona a experiência do movimento, do olhar e do habitar um lugar que antes era apenas um espaço entre lugares.

CONCLUSÃO

O que têm em comum estes espaços?
O que os destaca dos outros lugares?
O que os torna singulares?

O céu infinito, o interior de um quarteirão, uma frente de mar, a paisagem de um vale e até mesmo uma baía numa ilha são espaços que por mais diferentes que sejam podem ter um factor em comum: vazios sem condição.

Os vazios podem-se tornar únicos através de um elemento que os destaca. A arquitectura é o principal elemento delimitador do espaço. James Turrell enquadra o céu, dando limites a um espaço infinito. O arquitecto Bak Gordon projecta uma casa dentro de um quarteirão, um limite dentro de um limite. As piscinas de Siza Vieira demarcam uma nova linha de fronteira

numa frente de mar. João Carrilho da Graça permite caminhar no ar.

Em conclusão, estes casos de estudo notáveis na arquitectura deram um novo sentido ao lugar. O céu é enquadrado e ganha significado ao ser olhado. As casas dentro de um quarteirão permitem um novo habitar e relação entre o cheio e o vazio, o público e privado. As piscinas ocupam um espaço de transição entre dois limites, a terra e o mar. E por fim a ponte possibilita uma nova perspectiva sobre uma paisagem. Estas obras possibilitaram novas vivências e olhares sobre o território permitindo a transformação de um espaço sem significado e sem condição num lugar singular.

Um desafio para a Baía de Flandres.

II ABRIGO PARA PESSOAS E BARCOS



12. Fotografia. Ilha das Berlengas.



BAÍA DE FLANDRES
ILHA DAS BERLENGAS



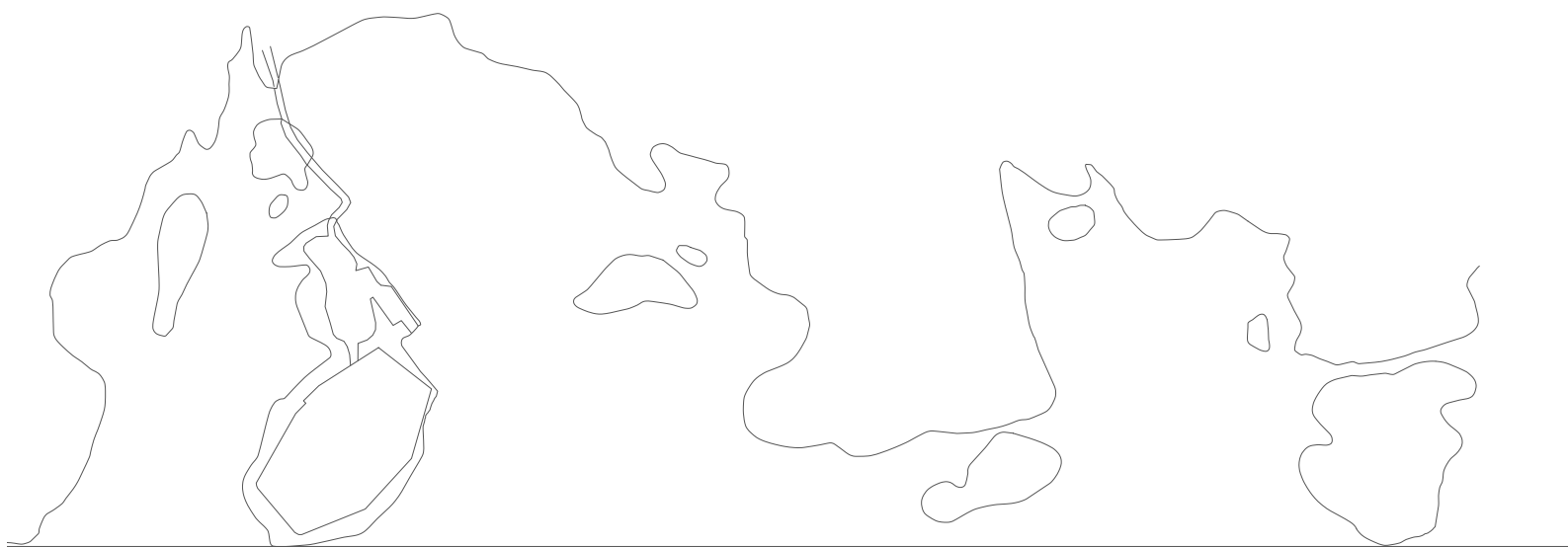
13.Fotografia. Baía de Flandres. Ilha da Berlenga

Os projectos apresentados anteriormente são considerados únicos na arquitectura pelo facto de apresentarem um factor em comum: singularidade. A arquitectura tem a capacidade de gerar e construir novos espaços mas esta singularidade só é alcançada através da interação transformadora entre o objecto arquitectónico e o lugar.

Projectar uma singularidade é então o processo arquitéctónico utilizado neste trabalho. A identificação de um vazio que aparentemente é igual a tantos outros mas que apresenta potencialidades é o primeiro passo deste processo. A baía de Flandres, mesmo apresentando características distintas quanto à sua natureza, não se destaca perante as outras baías identificadas na Ilha.

Num segundo passo, é feita uma análise a esta baía e são identificados os seus limites naturais desenhados pela encosta, que permitiram o desenvolvimento do projecto. Assim, é idealizado um abrigo para esta baía apenas no território marítimo, sem ligação física com a encosta. O abrigo defende as pessoas da natureza e a natureza das pessoas. Na baía de Flandres, neste mar transitório entre a encosta escarpada da ilha e o mar revolto, são projectados novos limites surgindo assim novos espaços. O abrigo delimita o mar, desenhando espaços de água com características diferentes.

Por fim a interacção entre o abrigo e o lugar possibilita novas vivências e novos enquadramentos sobre o território. Surge assim um novo lugar. Uma singularidade.



14.Desenho. Relação Baía do Forte de São João Baptista com Baía de Flandres.

MAR, vazio

Baía de Flandres

O arquipélago das Berlengas, domínio do território de Peniche e situado a nordeste do Atlântico, é composto por três ilhas, a Berlenga com alguns ilhéus e recifes adjacentes, as Estelas e os Farilhões.

A Berlenga Grande ocupa uma área de 78.8h, com uma altura máxima de 85 metros. O arquipélago das Berlengas localiza-se numa região temperado marítimo, com um clima de características atlânticas que influenciam os flancos a Norte, e de características mediterrânicas, com impacto nas vertentes viradas a sul. É caracterizada pela sua paisagem escarpada, apresentando encostas quase verticais. Toda a costa da ilha é muito recortada devido à erosão provocada pela variação das marés e pela agitação marítima. Os

avanços constantes da água sobre a ilha permitem a formação de grutas e baías.

A baía de Flandres situa-se numa enseada a sudeste da Ilha, perto do Forte de São João Baptista, localizada num local estratégico do litoral, protegido das correntes predominantes. Flandres, como todas as outras baías, apresenta características de um território fechado pela forma semi-circular da encosta e pelo mar mais calmo que faz a transição entre o mar mais revoltoso e a terra. Podemos assim identificar um vazio delimitado pela linha da costa e por linha imaginária determinada pelo Forte de São João Baptista.

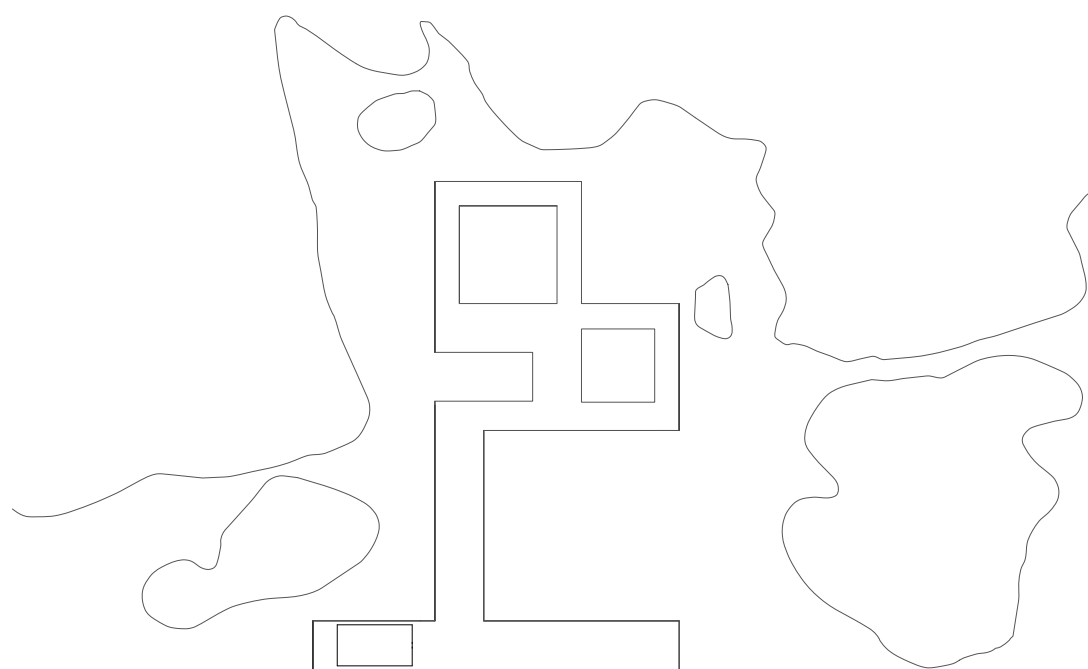


15.Fotografia. Forte de São João Baptista. Ilha da Berlenga.

Forte de São João Baptista

Situado numa enseada a Sudeste da Berlenga, está assente sobre um ilhéu rochoso, localizado num local estratégico do litoral, outrora com uma função meramente militar. Encontra-se destacado da ilha apenas ligado por uma ponte situada a poente. Apresenta uma planta ortogonal alongada no sentido norte-sul. Foi construído em alvenaria de granito rosa emparelhada, sobre um embasamento em talude, para dar solidez necessária à estrutura. Com um corpo mais alto, o lado Noroeste, albergava as antigas casamatas, enquanto o paiol ficava protegido no centro do forte. O lado sudeste, com uma cortina mais baixa, era o lado mais defensivo com onze canhoneiras em intervalos regulares apontadas para o mar.

O forte não se evidencia dos ilhéus envolventes ao geometrizar um dos ilhéus, existindo uma coerência na enseada. Sendo um elemento artificial numa reserva natural que é a Ilha das Berlengas, é parte integrante da baía em que se insere, tornando-se elemento caracterizador deste espaço. A presença desta construção acaba por criar uma linha imaginária, que protege o mar revolto da bacia, formando assim uma segunda fronteira. Existe, uma zona intermédia entre os dois elementos, a terra e o mar. Um elemento artificial, o Forte das Berlengas, ocupou um vazio, limitando o espaço de forma a torná-lo singular. Aquela baía passou a ser diferenciada através da presença de um elemento, o forte que condicionou aquele espaço tornando-o num lugar.



16.Desenho. Geometrização. Baía de Flandres.

ABRIGO, limite

Quatro espaços de água

O objectivo do trabalho foi projectar um abrigo para pessoas e barcos numa reserva natural, na Ilha das Berlengas, destinado a uma estadia de pouca duração.

O abrigo ocupa o território marítimo com uma geometrização que tenta respeitar a linha natural da encosta. É construído sobre o mar, apenas com acesso por barco ou a nado. Está assente num solo que varia entre os 7 e os 9 metros de profundidade. Os interiores estão a 1 metro da maré mais alta e tem 4 metros de pé direito. O edifício ergue-se com aproximadamente 13 metros, dependendo da profundidade do solo, e ocupa grande parte da baía, com 100 metros de comprimento e com uma largura máxima de 75 metros e mínima de 20 metros. O projecto desenvolve-se horizontalmente confrontando a verticalidade da escarpa caracterizadora da encosta da ilha. Define-se essencialmente por uma plataforma coberta que delimita quatros espaços de água com características diferentes.

O primeiro espaço de água é destinado aos barcos. Um espaço de chegada que se encontra a sul da baía, mais afastado da ilha. É um espaço de água com 40

metros de largura rodeado por uma plataforma coberta com uma rampa que permite o acesso ao edifício. A entrada dos barcos é feita a Este, de modo a que o edifício seja fechado a Sul como se de um muro de protecção do mar revoltoso se tratasse. Nesta zona dos barcos existe ainda uma oficina de apoio.

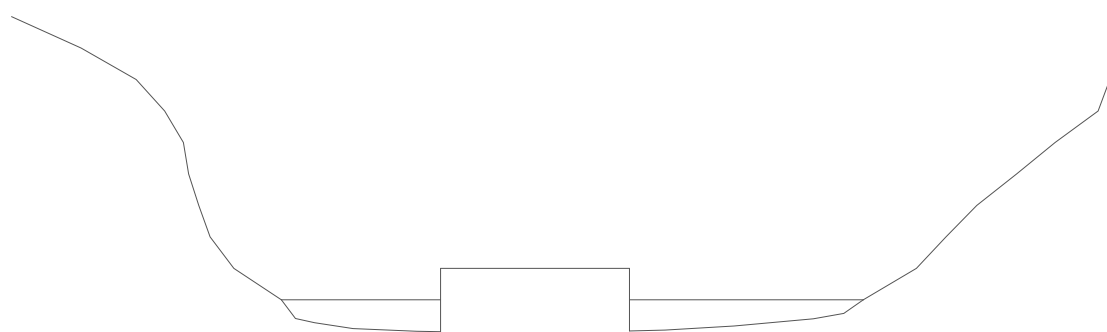
O abrigo desenvolve-se então para o Norte da baía. Percorrendo a plataforma, chega-se a um espaço coberto, com ligação ao exterior, destinado às actividades comuns principalmente de preparação para refeições. Este espaço tem uma mesa de madeira e ainda uma sala adjacente de apoio. Nesta zona encontra-se o segundo espaço de água, uma piscina interior de água salgada com 15 metros de largura com apoio de balneários. Aqui o edifício apresenta uma abertura inferior num dos planos do espaço, permitindo que a luz reflectida na água ilumine a zona interior. Este espaço, ao contrário da zona de chegada dos barcos, é um espaço pequeno, fechado ao exterior, sem contacto visual com a ilha, apenas deixando entrar a luz para o iluminar. Possibilita ainda a passagem para o exterior do edifício e vice-versa através do mergulho.

Para contrapor com a piscina interior surge então um terceiro espaço de água aberto ao exterior, um local de estadia e lazer. Uma piscina de 20 metros de largura com uma rampa de acesso ao edifício, que permite às pessoas deitarem-se, usufruindo deste espaço de água. A cobertura avança uns metros sobre a rampa permitindo estar num espaço exterior coberto em contacto com a água. Em redor da piscina, que está numa zona mais protegida a norte perto da encosta, surge uma zona mais privada e de repouso. Este espaço está dividido em quartos com casas de banho, duches comuns e salas técnicas nos extremos opostos da piscina. Tem acesso ao exterior através de uma abertura no edifício, em forma de arco que apenas permite a passagem de pessoas e excepcionalmente de pequenos barcos. Nesta zona, mais perto da ilha, a única luz que recebe é indirecta resultado da luz reflectida na enorme escarpa nesta zona.

Por último, criou-se um quarto espaço, uma piscina na cobertura com ligação visual com o forte das Berlengas. O acesso à cobertura é feito por umas escadas na zona de chegada dos barcos. Este espaço pretende dar a sensação de se caminhar numa zona elevada do ilhéu, próximo do mar. Um espaço de contemplação sobre a paisagem da Baía de Flandres.

Em relação à materialidade do edifício o abrigo é construído na sua totalidade em betão. Nas zonas mais privadas é inserida a madeira nas paredes, chão e tecto, formando uma caixa sem contacto com o betão, como isolador térmico permitindo um melhor conforto.

Sendo um abrigo numa reserva natural e destinado a uma estadia de pouca duração, o edifício não apresenta luz artificial, sendo que os espaços são abertos para o exterior de modo a um bom aproveitamento da luz solar. Os espaços mais fechados são as zonas de dormir que não necessitam de tanta iluminação.



17.Desenho. Esquema relação entre o edifício e encosta envolvente. Baía de Flandres.

PAISAGEM, lugar

Singularidade

A utilização do edifício como delimitador de um espaço infinito, o território marítimo, possibilitou a criação de novos espaços, tanto os espaços delimitados pela nova construção, como as zonas de água intermédias entre o objecto arquitetónico e a encosta envolvente, o limite artificial e o limite natural. O edifício ao delimitar estes espaços, dá um novo sentido ao vazio que passa a estar ocupado. A possibilidade de viver estes espaços que antes eram impossíveis de habitar. Estar no meio de uma baía, mergulhar num mar demarcado, contemplar uma paisagem através de uma nova perspectiva.

Através da geometrização, o edifício desenvolve

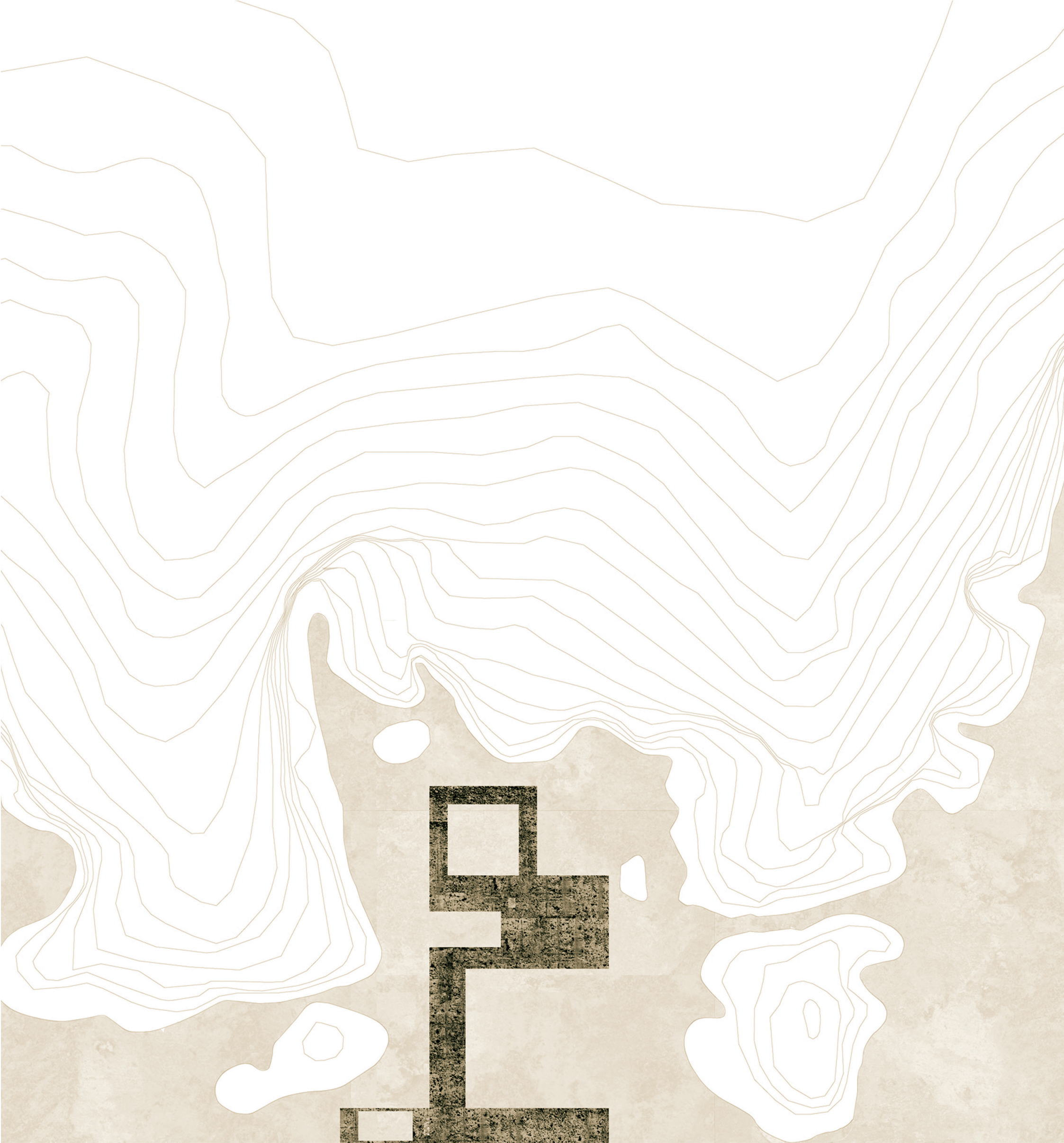
relação de aproximação e distanciamento entre o edificado e os elementos naturais que formam a paisagem. Esta paisagem é modificada através de novos enquadramentos que a arquitectura possibilita. De destacar a nova visibilidade da encosta escarpada e dos ilhéus a nordeste; do forte de São João Baptista a oeste; e por fim a sul o novo horizonte sobre um mar imenso.

Esta baía, que antes era apenas um espaço vazio, foi ocupado por um projecto arquitetónico que ao introduzir limites a este espaço criou uma nova paisagem, uma singularidade na Ilha das Berlengas.



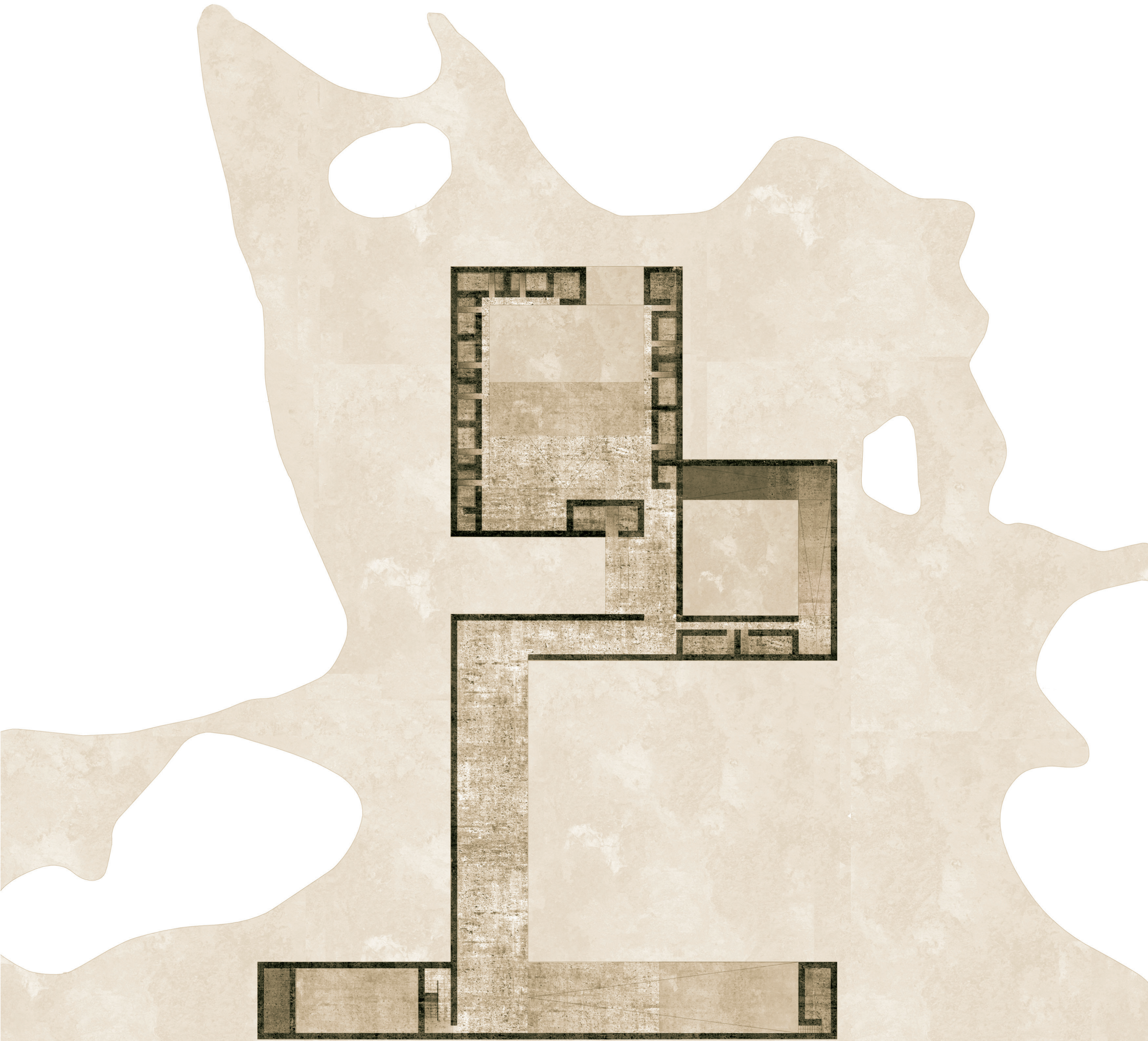


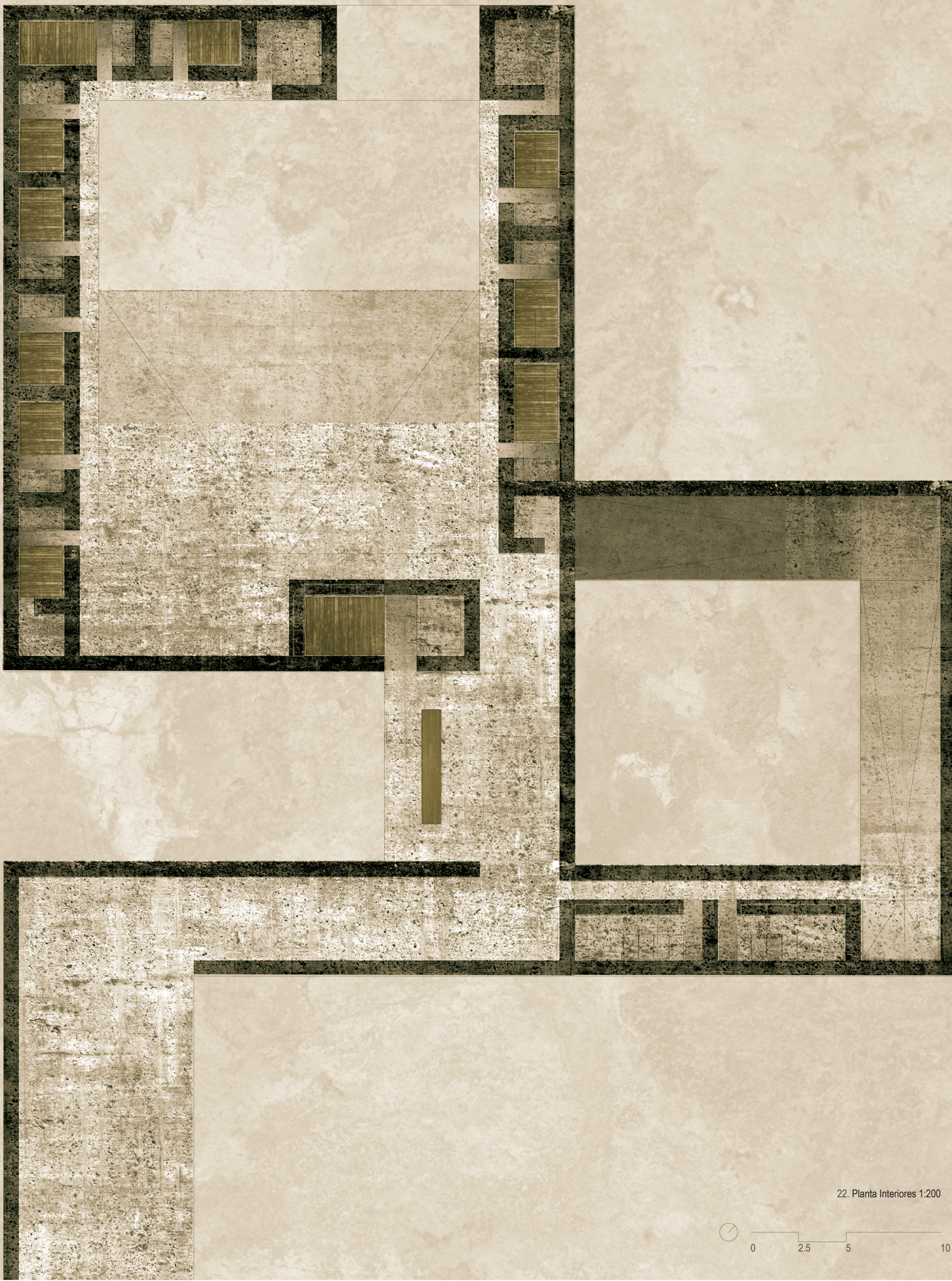




20. Planta esquema relação com o Forte 1:1000











23. Corte Longitudinal 1:200





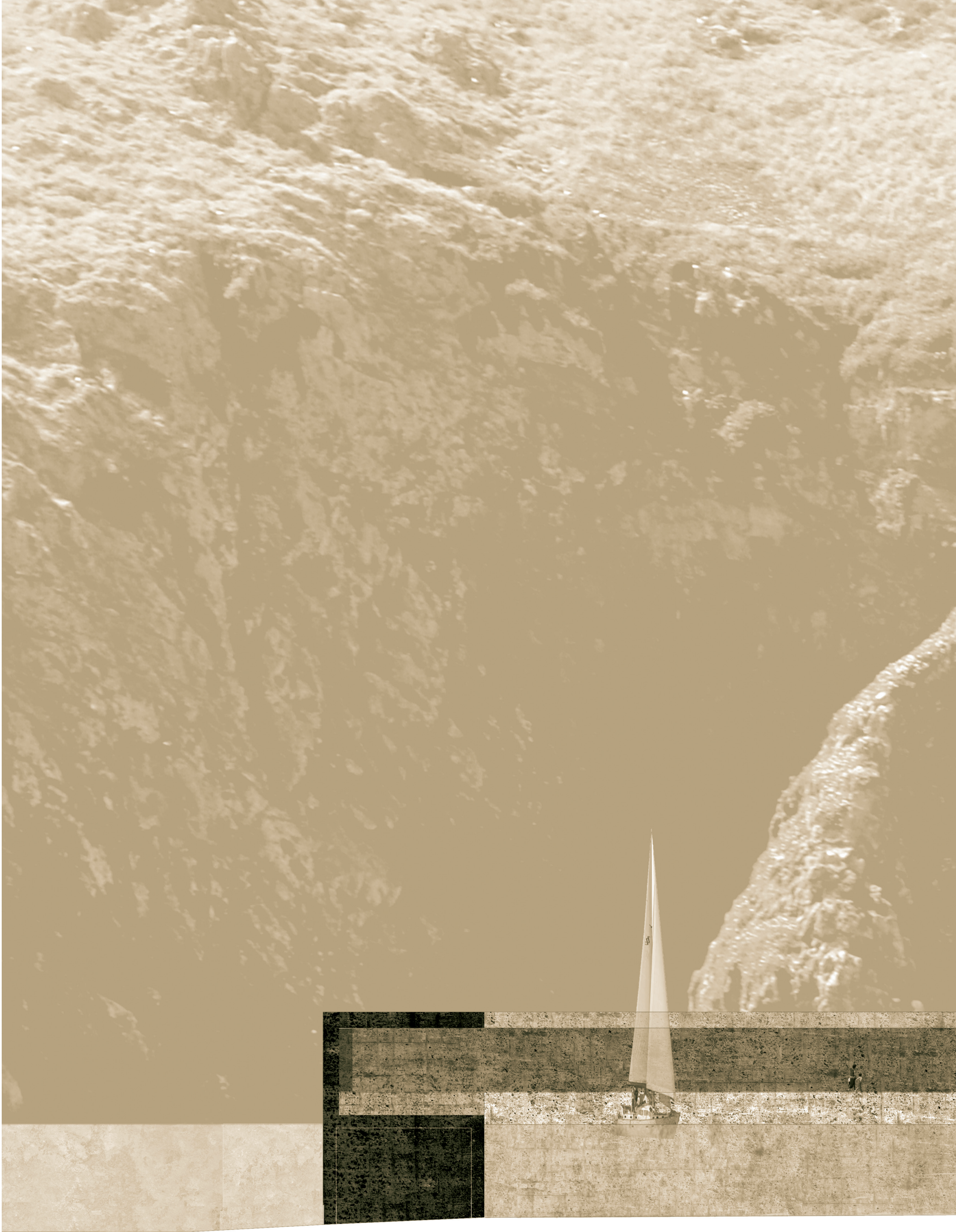
24. Corte Transversal 1:200

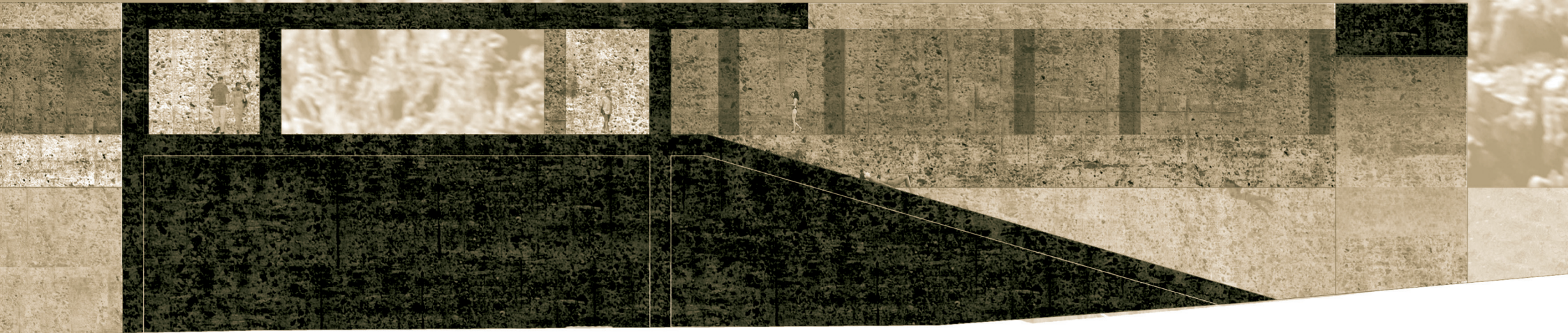
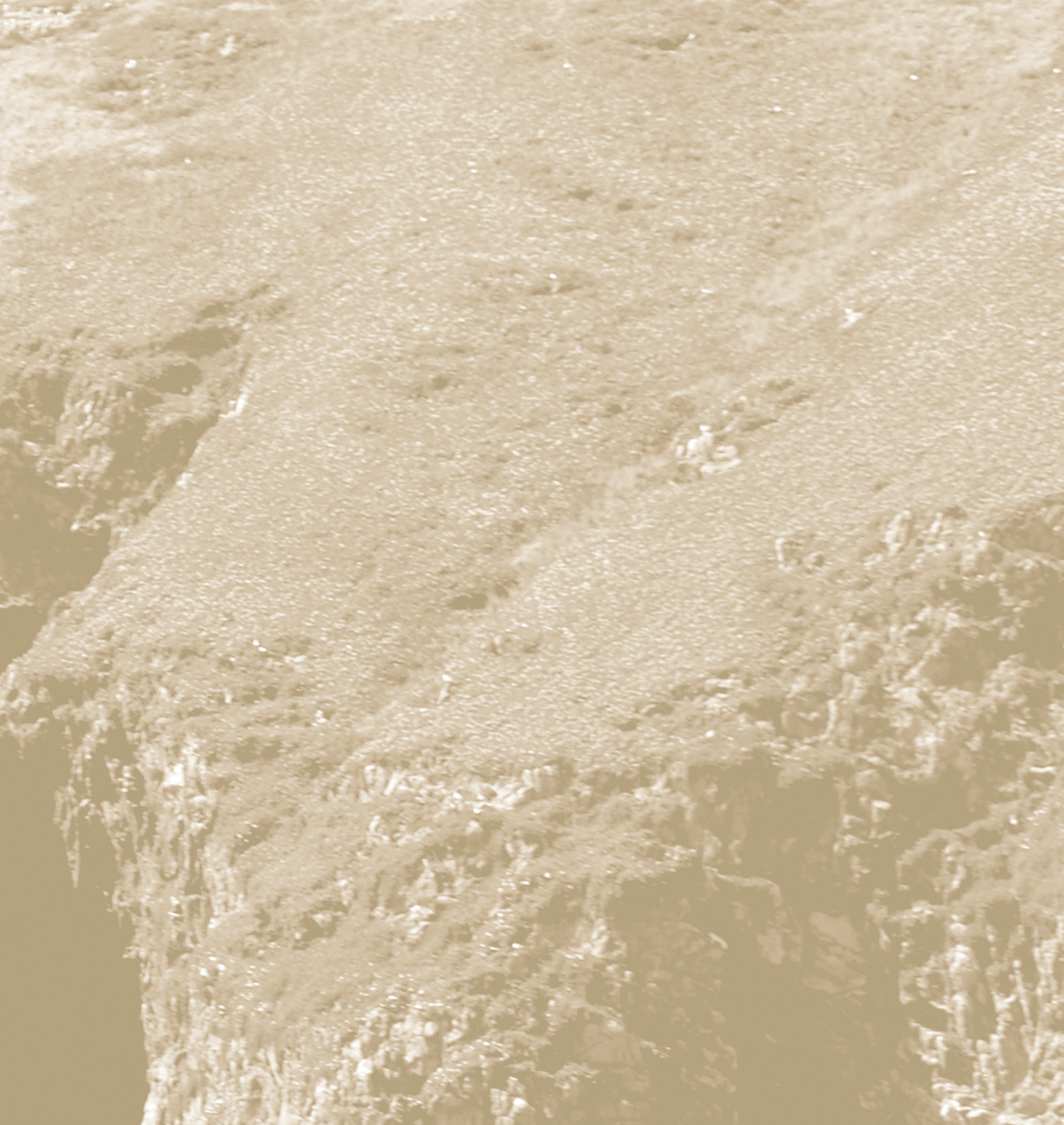




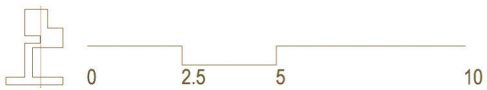
24. Corte Transversal 1:200

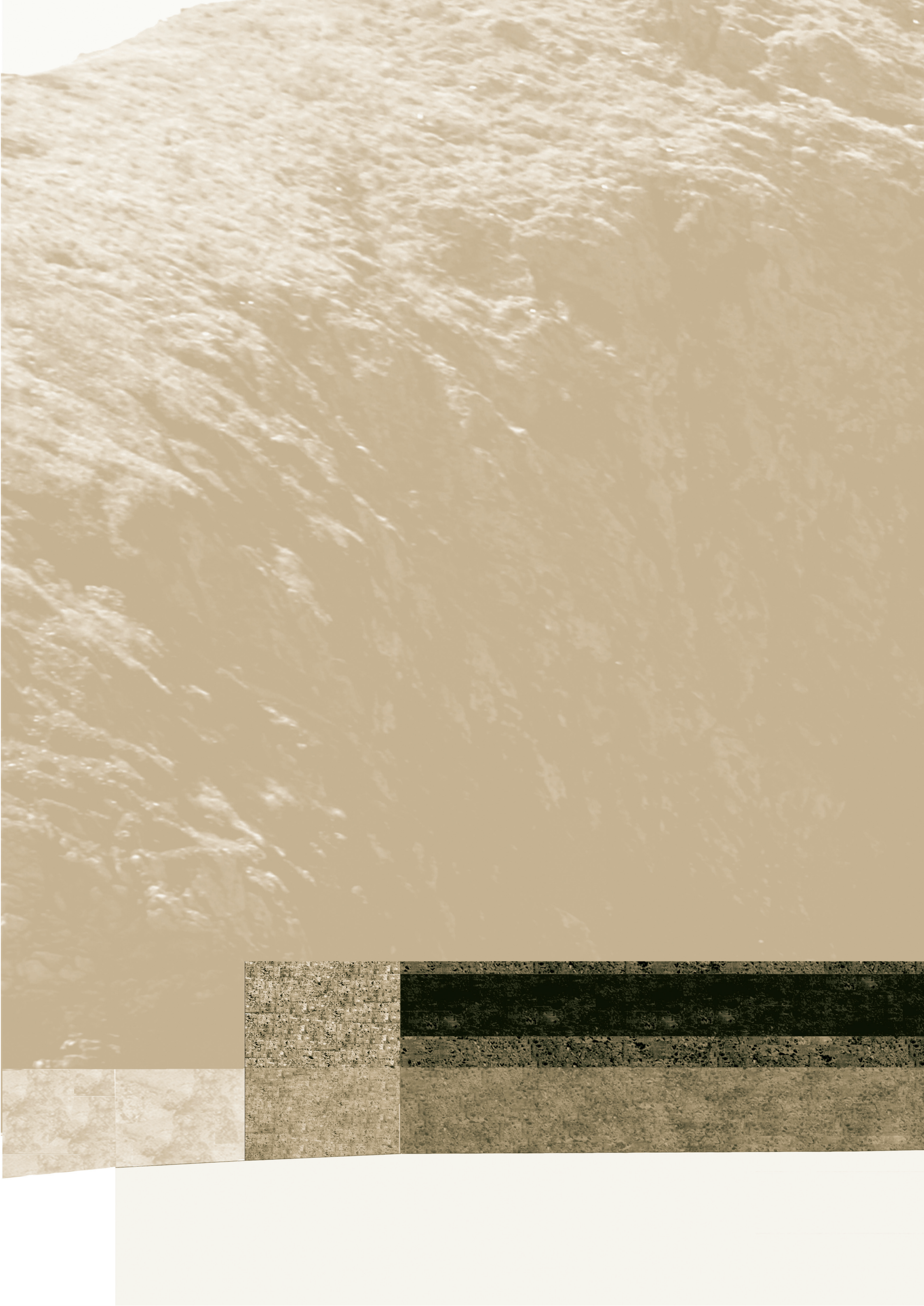


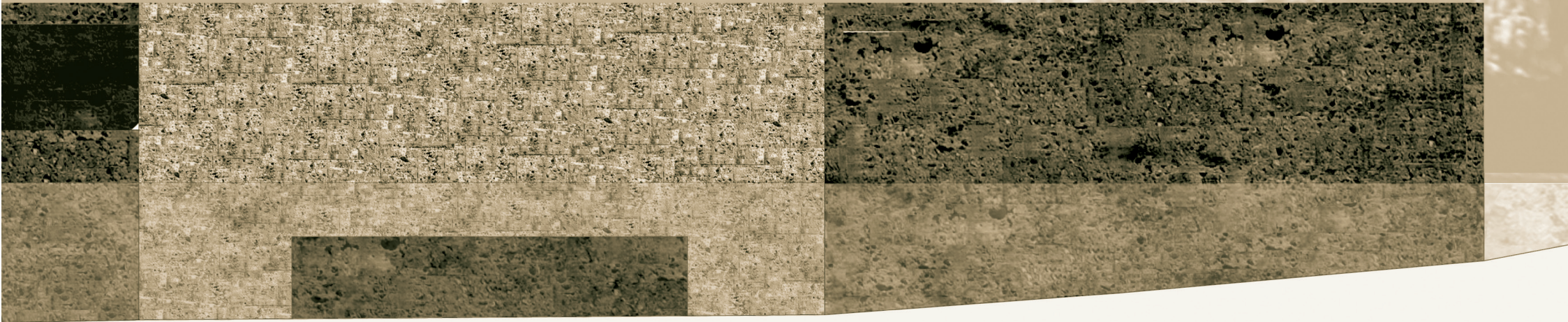




24. Corte Transversal 1:200















31. Imagem do espaço interior. Zona de Refeições.



32. Imagem do espaço de água interior.



33. Imagem do espaço exterior na cobertura.



BIBLIOGRAFIA

BÁRTOLO, José. João Carrilho da Graça. Col-ecção Architectos Portugueses, série2. 2013. ISBN 9789898657442

CRUZ PINTO, Jorge. O Espaço Limite, Produção e Recepção em Arquitectura. Arquitectura e Urbanismo, ADC Editores, Lisboa 2007.

El croquis, nº170. João Carrilho da Graça. 2002-2013. Madrid 2014. ISBN 9788488386786

FILIPPE, Ana Júlia. Habitar os limites. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Julho de 2013. Dissertação de Mestrado.

GORDON, Ricardo Bak. 2 Casas em Santa Isabel in No place like, 4 houses, 4 films. Representação portuguesa, 1ª edição, Lisboa: Direcção Geral das Artes, Ministério da Cultura, 2010

GORDON, Ricardo Bak. Duas Casas em Santa Isabel, Lisboa. Arq./a, nº86-87 (Nov.Dez.2010) p.56-62

GRAÇA, João Carrilho da. Ponte pedonal, Carrilho da Graça. Ordem dos Architectos, Núcleo Médio Tejo. Abrantes, 2011

Instituto de conservação da Natureza e Biodiversidade, Plano de Ornamento da reserva natural das Berlengas. (relatório para discussão pública). Agosto de 2007

JORDÃO, Joana Raquel. A presença do vazio arquitectónico. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Janeiro 2011. Dissertação de Mestrado.

MARTINS, Raquel Monteiro. A "ideia de lugar". Um olhar atento às obras de Siza. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia. Departamento de Arquitectura. 2009. 189 p. Dissertação de Mestrado.

NEVES, José Manuel das. Bak Gordon: Lagar Oliveira da Serra e Duas Casas em Santa Isabel. Uzina Books, 2011, p. 10-11. ISBN 9789898456083

PLA, Maurici. O lugar do Lugar: entrevista a Maurici Pla, 1948. Entrevista de Inês Moreira dos Santos e Rui Barreiros Duarte. Arquitectura e Vida, nº48. Abril 2004, p.38-43.

RODRIGUES, Jacinto. Álvaro Siza: obra e método. Ponto: Civilização, 1992.

SIZA, Álvaro. Imaginar a Evidência. Edições 7. Janeiro de 2012.148 p. ISBN 9789724413907

www.alvarosizavieira.com/1966-leca-swimming-pools

www.archidaily.com/santaisabel-house-ricardobakgordon.

<http://jamesturrell.com/>

www.repturasilenciosa.com/Piscinas-das-marés

www.revarq.com/casas-santa-isabel-lisboa

